KARSH: ALÉM DA CÂMERA

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

O título acima é tradução do título do livro *Karsh: Beyond the Camera* (Organizador: David Travis. Boston : Godine, 2012).

Escrevi sobre o *Festival Karsh Ottawa*, em 2009 (*APMP Revista*, v. 51, set/dez 2009, p. 71). Trata-se do “lendário fotógrafo Yousuf Karsh” (1908-2002) que “procurou agarrar a própria essência das pessoas que ele fotografou: chefes de Estado, membros da realeza ou da elite de Hollywood, artistas célebres ou simples cidadãos”. A exposição espalhada pela Capital canadense coincidia com o centenário do homenageado.

Aos quinze anos, diante do genocídio contra a população armênia, os pais de Karsh o mandaram para Sherbrooke, Província de Québec, no Canadá, para salvar sua vida. Ele seria abrigado ali por seu tio fotógrafo. Percebendo, no jovem, vocação para a arte da fotografia, o tio o mandou estudar em Boston. De volta, ele se instalou em Ottawa, começando a longa carreira que inclui 15 mil pessoas fotografadas. Claro que o número abrange celebridades.

Durante a segunda guerra mundial, Karsh fotografou o Primeiro Ministro Winston Churchill, em visita ao Parlamento do Canadá. O célebre retrato do “leão que rugiu imortalizaria um Churchill intratável diante do inimigo e firmaria o prestígio do fotógrafo na cena mundial da fotografia”.

Na Basílica de Notre Dame, na Casa da Moeda, no Portrait Gallery of Canadá, no Canada Science and Technology Museum, localizavam-se as *estações* ou *pontos* da exposição das fotos, em número de onze, algumas com número reduzido de imagens.

De sua mãe cristã, na infância ainda no império otomano, ou a Turquia atual, Karsh recebeu o conselho para não odiar: “Se você tiver de jogar uma pedra, tenha a certeza de errar” (p. 10). Três grandes mulheres se destacam na vida do fotógrafo: sua mãe, a primeira mulher, Solange, e a segunda, Estrellita (pp. 17 e 158).

Principais fotos de personalidades: Winston Churchill, capa principal (mais de uma foto, lembradas as circunstâncias da primeira, também da capa do livro, durante a segunda guerra mundial: o “leão rugiu”, quando o ainda jovem Karsh puxou, bruscamente, seu charuto aceso); Madame Chiang Kai-Shek, George B. Shaw, H. G. Wells, Harry S. Truman, James McIntosh, Anna Eleanor Roosevelt, a contralto Marian Anderson, Boris Karloff, Peter Lorre, Humphrey Bogart, Ingrid Bergman, Liz Taylor, Margareth O’Brien, Joan Crawford, A. Einstein, o cirurgião Thomas S. Cullen, a dançarina e coreógrafa Martha Graham, Hellen Keller, Jean Sibelius, F. Mauriac, Bertrand Russel, a jovem princesa Elizabeth, Pablo Casals, Christian Dior, Albert Schweitzer, B. Britten, Picasso, Tennessee Williams, Audrey Hepburn, Anita Ekberg, B. Bardot, Grace Kelly (o deslumbrante perfil esquerdo ocupa também a contracapa do livro), Jacqueline Kennedy (sozinha e com o Pres. Kennedy, ainda Senador), E. Hemingway (a tal foto com a gola rolê, capa do volume do centenário de Karsh), Aaron Copland, Georges Enesco, Pierre Elliot Trudeau, o magnífico perfil de Joan Baez, Estrellita Karsh (segunda mulher de Karsh), W. H. Auden, Vladimir Nabokov, R.

Nureyev, a soprano Jessye Norman, Nelson R. Mandela. Não é preciso esclarecer que há outros, mais ou menos conhecidos e até anônimos.

Numa das fotos, ainda princesa e solteira, a atual rainha da Inglaterra e do Canadá parece moça comum e atraente. Não ficaria sem dançar, mesmo no anonimato.

A mencionada cantora lírica Marian Anderson, quando jovem, voou até Helsinkí, para homenagear a Jean Sibelius. Como em ocasiões semelhantes de outras visitas de jovens artistas, ele orientou sua governanta para preparar chá. Então, solicitou a Marian Anderson para cantar. Quando ouviu a primeira nota, foi logo dizendo à auxiliar governanta: “Prepare champanhe.” (p. 40)

Preferi não incluir na lista acima o nome do arquiteto Frank Lloyd Wright, pelo episódio que o envolve. Devendo comparecer perante a corte judicial, ele avisou a seu advogado que, dessa vez, ele mesmo preferia falar. Foi, logo, advertido perante a corte judicial de que estava sob juramento e devia dizer a verdade. Primeira pergunta: “seu nome, senhor”. Lloyd Wright informou. Segunda pergunta: sua “profissão”. Resposta: “arquiteto”. Correção: “o maior arquiteto que já existiu”. Seguiu-se a vitória dele no julgamento. Na saída, seu advogado ponderou: “Não teria sido mais agradável deixar outros dizerem que você é o maior arquiteto jamais existente?” Ele disse: “Olhe, eu estava sob juramento.” (p. 98)

Quando Karsh foi fotografar o Papa João XXIII, ele perguntou a este: “Quantas pessoas trabalham no Vaticano?” O Pontífice sorriu e respondeu: “Mais ou menos a metade.” (p. 156)

Certa vez, indagada sobre dicas de beleza, Audrey Hepburn citou Sam Levenson: “Para lábios atraentes, diga palavras de bondade; para uma figura esguia, reparta sua comida com os famintos; e para olhos adoráveis, procure o bem nas outras pessoas” (p. 104)

Após fotografar o Papa João XXIII, Karsh passou por Paris para fotografar Brigitte Bardot. Esta, com seu charme e vivacidade, indagou: “É verdade que você acaba de fotografar o Papa João XXIII?” Ante a resposta afirmativa do fotógrafo, a atriz observou: “Ah... do santo à pecadora.” (p. 108)

Viúvo, Karsh sentiu grande atração por Estrellita, com quem passou a manter longas conversas por telefone internacional. Como uma dessas conversas telefônicas de longa distância se alongasse, Estrellita disse: “Agora, se você está tentando me propor casamento, eu aceito.” (p. 140)

Estrellita Karsh era escritora médica e filantropa.